



braçoperna44
Contemporary and Multidiciplinary Space

Jorge Lopes

“A cloud never dies”

2.10.2025-25.10.2025



Jorge Lopes

1981, Lisboa

Depois dos estudos em pintura e artes plásticas na Escola Superior de Artes e Design (ESAD), Caldas da Rainha (1999-2004), Foi membro da Kunstlerhaus Dortmund (2005-2006), integrou a dupla de artistas ETAW com Steffen Kasperavicius (2011-2015) e pertence desde 2023 ao colectivo Natuerlich. Vive e trabalha em Berlim.

Apresentou o seu trabalho em exposições individuais com destaque em 2024 *Jorge Lopes* staged by Clément Layes, Axel Obiger, Berlim; *A essência, Tomar Metropolitano*, Tomar 2023; *Meet them all over again*, KunstraumBotshaft, Camões, Berlim; *Is it because of the morning light?*, AkA, Borgen-Weseke 2017; *Eighteen*, Atelier-Museu António Duarte, Caldas da Rainha 2016; *Leve*, Lagares d'el Rei, Tomar; *Double Abstract*, Tverrfaglige Kunstitutt, Oslo 2012; *Sorte amor e morte*, Centro Cultural Vila das Aves, Santo Tirso 2010; *Ser o rei para quê?*, Centro Cultural Gil Vicente, Sardoal; *Very Contemporary*, ROCK Gallery, Lisboa 2009; *Es gibt kein Mittel gegen mich*, Galeria Iris Schuhmacher, Berlim; *Another one who wants to move abroad*, ArtePortugal Gallery, Lisboa.

Participou em inúmeras exposições de grupo: 2024 Natuerlich, Complexo Cultural da Levada, Tomar; Tales of a third place, El Palmar, Mexico City; Maremoto, Peninsula, Berlim 2023; Compiling Caspar David, Axel Obiger, Berlim; Natuerlich, Garten am Rhein, Colónia; Geschnitten Brot, Zwinger Gallery, Berlim; All Out, KWADRAT Berlim 2013; Alles Wasser, Galerie Mikael Andersen, Copenhaga, 2012; Prémio Fidelidade Mundial Jovens Pintores, Chiado 8, Lisboa.

O seu trabalho está presente em coleções na Alemanha, Áustria, Dinamarca, Japão, Noruega, Portugal e Reino Unido.

“A Cloud Never Dies”

Do you wanna be a cloud? «No seu posto de vigia, no pátio da quinta do avô, ela observava durante horas os cavaleiros das nuvens, que apareciam sempre aos pares, viajantes alados, maquinistas intemporais do sul, com canetas e compassos nas suas mãos brancas e etéreas. Aos seus olhos, eles mais não eram do que viajantes do céu, aeronautas enviados, anjos que flutuavam habilmente, os que ao longo dos dias se tornavam seus amigos e transformavam aos seus olhos, assumindo uma nova forma, voando rapidamente para margens desconhecidas, abrindo sempre espaço para mais luz. [...] Mas antes ela e o azul eram um só. Entre ela e a cor, os pássaros voavam para sul dia após dia e, quando Pepsi abria e fechava os olhos, parecia-lhe que eram constantemente inspirados e expirados pelo mundo. Ao contar de novo os trevos, Pepsi olhou para o céu e para a terra, sentindo subitamente ser parte dessa respiração. [...] por um momento, todo o seu corpo era um enorme olho. (Marica Bodrožić: *Blade of Hearts*, 2024)

O artista Jorge Lopes transforma-se igualmente num olho quando vagueia com o olhar pelo céu, com a cabeça inclinada para trás. Os seus desenhos de nuvens tornam-se uma meditação, tanto durante a criação como durante a observação. Ele também gosta de observar as nuvens nas suas viagens de comboio. Elas movem-se mais depressa. O vento das nuvens voa com o comboio na mesma direção ou na direção oposta, abrandando ou intensificando o movimento e a alteração das imagens e das cores: branco, azul, cinzento, raramente rosa e laranja.

A CLOUD NEVER DIES é o título desta série. O que significa? A promessa da vida eterna? Como é a vida de uma nuvem? Será que os trabalhos de Lopes nos dão pistas filosóficas, religiosas ou científicas? Gotas de água, vapor de água, neblina, cristais de gelo, atmosfera, evaporação. A série, iniciada em 2024, conta, entretanto, com 130 trabalhos (todos em formato A6), feitos a caneta de tinta permanente azul, mostra em formato vertical o abstrato e o abstraído: pontos, traços, linhas, sombreados, rabiscos, círculos, áreas densas e formas. Em alguns, é possível reconhecer formações de nuvens, noutros, até mesmo as planícies de baixo delas, uma paisagem, alguns são extremamente vazios, outros têm espaços em branco, omissões, consistem em formas negativas, inversões. Jorge Lopes brinca com a amplitude neste pequeno formato, apoiado pela «falsa pista» do formato vertical, que, do ponto de vista da história da arte, se opõe à paisagem. O artista aborda esta contradição e subverte esta premissa. A vontade e o desejo de amplitude no pequeno formato são repetidos incansavelmente. As variações surgem na meditação, no exercício. A fuga para outras atmosferas é imaginada. Isto é conseguido através da experiência da fluidez ou do InnSæi, a palavra islandesa para intuição (que significa também o mar interior; olhar para dentro; ver a partir de dentro. Hrund Gunnsteinsdóttir, 2024): Desenhar uma nuvem tantas vezes que o artista ou nós próprios, enquanto observadores, nos tornamos nuvem. Surge assim uma união com a natureza, uma possibilidade de participação e atenção plena. Todos os sentidos despertam e as nuvens tornam-se um símbolo da vida e do amor, da fusão entre o ser humano, a natureza e o cosmos.

Byung-Chul Han (2022) explica (com Friedrich Schleiermacher e Friedrich Hölderlin) que, ao ouvir devotamente o universo, o eu silencia-se na inação e mergulha no infinito: «Perdido no vasto azul, olho muitas vezes para o éter e para o mar sagrado.» (Hölderlin, 1799) A escuta e a passividade representam a não ação, a ociosidade. Jorge Lopes sente o mesmo quando «escuta» as nuvens, as observa e, em seguida, as desenha como que sem intenção. As mãos brincam e conectam-se sem esforço com o todo.













